

A TRANSFIGURAÇÃO

O capítulo 17 conclui o bloco de episódios (caps. 14 a 17) que rotulamos de “Mais Reações ao Ministério de Jesus”. Mateus, inspirado pelo Espírito Santo, continuou a expor como as pessoas ao redor de Jesus O viam e reagiam a quem Ele era e o que Ele fazia. A seguir, Mateus voltou a destacar o ministério de ensino de Jesus apresentando a quarta seção de ensino (cap. 18).

Este capítulo começa com o relato da transfiguração (17:1–13) em que a glória de Cristo foi revelada. Reagindo ao ocorrido com um zelo mal orientado, Pedro tentou honrar Jesus lado a lado com Moisés e Elias. Deus fez-Se presente nesse cenário, declarando dos céus a superioridade de Seu Filho. A ordem de Deus aos três apóstolos, exigindo que eles ouvissem a Jesus somente, continua vigorando na era cristã.

A GLORIFICAÇÃO DE JESUS NO MONTE (17:1–8)

¹Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. ²E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. ³E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. ⁴Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias. ⁵Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. ⁶Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo. ⁷Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! ⁸Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.

Cumes de montanhas serviram de cenário para numerosas revelações e elocuições de Deus. No Antigo Testamento, Noé e a arca pousaram numa montanha de Ararate após o dilúvio (Gênesis 8:4). Moisés recebeu a Lei no monte Sinai (Êxodo 24:1, 16; 34:1–5) e avistou a Terra Prometida do alto do monte Nebo (Deuteronômio 34:1–4). Elias confrontou emocionantemente os profetas de Baal no monte Carmelo (1 Reis 18:19–40).

No Novo Testamento, a maioria das experiências em montanhas envolveu o próprio Jesus. O maior sermão de Jesus registrado foi proferido num monte ou elevado próximo a Cafarnaum (Mateus 5–7). No pico de um monte da Galileia não denominado, Jesus emitiu a grande comissão aos apóstolos (28:7, 10, 16–20). Do monte das Oliveiras, Ele subiu ao Pai nos céus (Atos 1:4–12). No texto desta lição, Mateus 17:1–8, um dos acontecimentos mais significativos na vida de Jesus ocorreu num “alto monte”.

A transfiguração, presenciada por três discípulos mais íntimos (Pedro, Tiago e João), deu-se num momento muito importante. Após a promessa da vinda do reino (16:28), a transfiguração deu a essas testemunhas oculares um antegozo da glória do Rei. Além disso, a declaração da parte do Pai a respeito da filiação de Jesus confirmou a veracidade da confissão de Pedro (16:16). Também, em face à morte

iminente de Jesus (16:21) e do sofrimento dos próprios apóstolos (16:24–26), ver a glória de Jesus sem dúvida deu-lhes mais confiança. A verdadeira natureza e a glória divina d'Aquele que haveria de sofrer a crucificação como o Messias escolhido por Deus é apresentada por meio da transfiguração¹.

Versículo 1. Mateus e Marcos narraram que esse episódio ocorreu **seis dias depois**, quando **Jesus** subiu o monte em que foi transfigurado (Marcos 9:2). Lucas, porém, mencionou que o ocorrido deu-se “cerca de oito dias depois” dos acontecimentos antecessores (Lucas 9:28). Não há contradição evidente nesses relatos. Primeiramente, Lucas usou a palavra “cerca de” (ὥσεί, *hōsei*), indicando que ele não estava sendo exato. Em segundo lugar, Lucas podia estar usando o método judaico de contagem do tempo; pelo qual uma parte de um dia era calculada como se fosse um dia inteiro. Os outros escritores sinóticos não contaram o dia da revelação do Senhor aos apóstolos sobre Sua morte iminente ou o dia da transfiguração, mas somente os seis dias que se passaram entre esses eventos.

Pedro, Tiago e João estavam entre os companheiros mais íntimos do Senhor e são classificados como Seu “círculo interno”. Anteriormente, só esses três apóstolos presenciaram a ressurreição da filha de Jairo (Lucas 8:41, 42, 51–56). Mais tarde, eles estariam perto do Mestre, na noite de grande angústia no jardim do Getsêmani (26:36–45). Por causa de uma afinidade especial que Jesus tinha por eles, Ele os escolheu para testemunharem Sua glorificação nessa ocasião.

Por que esses homens foram os únicos que tiveram permissão para testemunhar essa cena majestosa? Seria porque eram os únicos capazes de entender e solidarizar-se com a angustiante situação do Senhor? Declarações posteriores revelam que não foi esse o motivo da escolha (Lucas 9:33). Seria porque eles estavam entre os primeiros dos Seus discípulos? Nesse caso, teríamos que questionar: E quanto a André, Filipe e Natanael (João 1:35–51)?

Uma sugestão mais plausível do que todas essas é que, ao manter reduzido o número de observadores, foi mais fácil para Jesus impe-

dir que falassem desse acontecimento antes da hora oportuna (veja 17:9). Pedro escreveu, mais tarde, sobre essa ocasião, afirmando que eles foram “testemunhas oculares da Sua majestade” (2 Pedro 1:16). João poderia ter em mente a transfiguração quando disse que “vimos a Sua glória” em João 1:14. O fato de Jesus tomar consigo três apóstolos também condiz com a exigência bíblica de se confirmar uma questão pelo testemunho de “duas ou três testemunhas” (Deuteronômio 17:6; 19:15; Mateus 18:16; 2 Coríntios 13:1; 1 Timóteo 5:19; Hebreus 10:28).

Segundo Mateus, o monte para o qual Jesus **levou** os três apóstolos era **alto**. Entretanto, nenhum dos escritores do Evangelho especificou o local exato. Quando Pedro mais tarde referiu-se a esse incidente, ele simplesmente chamou-o de “o monte santo” (2 Pedro 1:18). É, portanto, impossível identificar com precisão esse local.

A tradição reza que o local era o monte Tabor, o qual ficava a quase 10 quilômetros ao sudoeste de Nazaré. Esse monte ficava a uma jornada de uns três dias do último local em que o Senhor estivera, Cesareia de Filipe (16:13). Porém, o monte Tabor está a apenas 562 metros acima do nível do mar, o que não se encaixa na definição de um “alto monte”. Além disso, tudo indica que na época de Cristo havia no cume do monte Tabor um posto romano², o que diminui a probabilidade de o Senhor ter ido para esse lugar.

Muitos acreditam que o monte Hermom, que só ficava a 22,4 quilômetros ao nordeste de Cesareia de Filipe e que possui picos cobertos de neve chegando a 2743 metros, provavelmente seja o local onde esse evento ocorreu. Todavia, alguns questionam se haveria escribas judeus (Marcos 9:14) entre a população predominantemente gentia dessa região norte.

Outra sugestão para o local é o monte Meiron, que ficava a 12,8 quilômetros ao noroeste do mar da Galileia. Ele tem aproximadamente 1290 metros de altura, o pico mais elevado da Palestina. Jesus e Seus discípulos poderiam facilmente ter viajado até o monte Meiron no caminho de Cesareia de Filipe (16:13) para Cafarnaum (17:24).

Versículo 2. Jesus subiu o monte a fim de orar (Lucas 9:28). Enquanto orava, **foi transfigurado diante deles**, os discípulos. A palavra grega para

¹R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tynedale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 262.

²Veja Flávio Josefo, *Guerras* 2.20.6; 4.1.8.

“transfigurado”³ (μεταμορφώω, *metamorphōō*) deu origem à palavra portuguesa “metamorfose” e é traduzida por “transformar” em Romanos 12:2 e em 2 Coríntios 3:18. *Metamorphōō* indica uma mudança no exterior advinda do interior. A glória de Jesus não era um reflexo, como no caso de Moisés quando resplandeceu (Êxodo 34:29–35), mas ela radiava de dentro dEle (veja Colossenses 1:15; Hebreus 1:3). Michael J. Wilkins descreveu-a como uma transformação física que “é uma lembrança da glória de Jesus antes de Sua encarnação (João 1:14; 17:5; Filipenses 2:6–7) e uma exibição prévia de sua exaltação vindoura (2 Pedro 1:16–18; Apocalipse 1:16),” uma transfiguração que revelou a Sua “natureza e glória divina como Deus”⁴.

O seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Segundo Lucas, “a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura” (Lucas 9:29). A descrição de Marcos acrescenta que “as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar” (Marcos 9:3). Essas afirmações sublinham a mudança dramática que ocorreu na aparência do Senhor e revelam a Sua origem celestial (veja Daniel 7:9; Mateus 28:3; Atos 1:10; Apocalipse 1:16; 4:4; 7:13; 10:1).

Versículo 3. Conforme revelado em Lucas, todos os três apóstolos dormiam na maior parte do tempo do que ali ocorreu. É, infelizmente, irônico que esses seguidores de confiança foram incapazes de permanecer acordados durante dois importantes momentos da vida de Cristo: Sua transfiguração e Sua oração no Getsêmani (Lucas 9:30–33; Mateus 26:36–45). Nessa ocasião, quando eles acordaram repentinamente, ficaram espantados ao ver **Moisés e Elias** conversando com Jesus. O texto não indica como eles reconheceram os dois; pode ser pelo teor da conversa.

A aparição de Moisés e Elias para Jesus nessa ocasião era apropriada. Moisés foi o grande outorgante da Lei de Israel (veja Josué 1:17), mas ele próprio havia escrito que Deus disse: “Suscitar-

lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Deuteronômio 18:18). Moisés, sob a ordem de Deus, subiu ao monte Nebo e ali “morreu... na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor”. Então, Deus “o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura” (Deuteronômio 34:5, 6).

Elias foi um dos grandes profetas de Deus. Ele é bem conhecido por sua oposição à adoração a Baal durante o reinado do rei Acabe, o qual governou as tribos do norte de Israel (1 Reis 16:29–19:18). Elias foi um dos dois indivíduos que não passaram pela morte⁵. Em vez disso, ele foi levado para o céu por um redemoinho numa carruagem de fogo (2 Reis 2:11, 12).

Moisés e Elias experimentaram revelações de Deus no monte Sinai (Êxodo 24:12–18; 34:1–9; 1 Reis 19:8–12). Ambos são mencionados nas últimas palavras do Antigo Testamento: “Lembra-vos da Lei de Moisés, meu servo... Eis que eu vos enviarei o profeta Elias...” (Malaquias 4:5, 6). Aparentemente, os judeus previam que Moisés e Elias voltariam juntos⁶. Esses homens representavam os dois períodos históricos ocorridos dentro do Antigo Testamento. O fato de aparecerem ao lado de Jesus sinalizava que o fim da Lei e dos Profetas estava próximo (veja 5:17, 18; Lucas 24:44; Romanos 10:4; Efésios 2:14–16).

Esses dois grandes homens estavam falando com Jesus. Embora o relato de Mateus não mencione o conteúdo da conversa, Lucas 9:31 diz que eles “falavam da Sua partida, que Ele estava para cumprir em Jerusalém”. Um dos motivos dessa manifestação era darem apoio e encorajamento a Jesus para que Ele enfrentasse a morte na cruz. A palavra traduzida por “partida” (ἐξοδος, *exodos*) é traduzida por “êxodo” em Hebreus 11:22 e “partida” em 2 Pedro 1:15.

Versículo 4. Após os três discípulos acordarem, “**disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui**”. Como de costume, Pedro falou pelo resto do grupo – desta vez por Tiago e João. Ele reconheceu que tinham o privilégio de acompanhar Jesus e serem testemunhas desse momento

³A escolha da palavra “transfigurado” teve influência da versão latina Vulgata (*transfiguratus est*). (Jack P. Lewis, *A Commentary on the Gospel According to Matthew*, Part 2, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 44.)

⁴Michael J. Wilkins, “Matthew”, em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 106.

⁵O outro indivíduo é Enoque (Gênesis 5:24).

⁶*Deuteronômio Rabbah* 3.17. As evidências da expectativa judaica pela volta de Moisés são fracas, porém muitas referências apontam para a vinda de Elias (veja os comentários sobre 11:14; 17:10–12).

espetacular. Os outros nove apóstolos estavam lá embaixo no vale, pois não foram convidados.

Pedro continuou: **“Se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias”**. O que Pedro quis dizer com “tendas”? A palavra grega neste versículo equivalente a “tendas” (σκηνή, *skēnē*) também é traduzida por “barracas” (NTJ; NTLH), “tabernáculos” (RC), “abrigos” (BV) ou “cabanas”.

“Tendas” ou “Cabanas”. Durante a Festa dos Tabernáculos, ou das Cabanas, os judeus comemoravam os quarenta anos de peregrinação no deserto, período em que viveram em tendas (Levítico 23:33–44). Cada família que participava da festa construía e morava numa tenda durante uma semana. A Festa das Cabanas era observada durante o mês de Tishri. Estaria Pedro oferecendo-se para construir três tendas em celebração à festa? Nesse caso, a sugestão indicava que a transfiguração ocorreu no mês judaico de Tishri (outubro), seis meses antes da Páscoa e da crucificação do Senhor. Todavia, o recolhimento de impostos que ocorreu mais adiante no capítulo depõe contra essa época (veja os comentários sobre 17:24).

“Abrigos.” Visto que Moisés e Elias estavam presentes com Jesus (Lucas 9:33), talvez a sugestão de Pedro fosse construir abrigos temporários fora dos arbustos e da vegetação existentes no monte; a fim de passarem a noite ali. Se fosse essa a sua intenção, ele estaria oferecendo hospitalidade. Pode ser que ele quisesse que ficassem mais tempo no monte, assim ele aproveitaria mais a oportunidade para aprender.

“Tabernáculos.” O tabernáculo, também chamado de tenda do encontro, era o lugar onde os israelitas adoraram a Deus no deserto (Êxodo 25:1—27:21). Ele foi construído para a honra e glória de Deus. Do mesmo modo, talvez Pedro quisesse construir três tabernáculos para honrar Jesus, Moisés e Elias. Uma vez que os três estavam no mesmo tipo de estado de glorificação (Lucas 9:32), Pedro considerou-os iguais e estava dizendo que cada um deveria ser honrado do mesmo modo.

Qualquer que fosse a motivação de Pedro, seu pedido estava equivocado. Lucas escreveu que ele “não sabia o que dizia” (Lucas 9:33; RC). Marcos acrescentou que ele “não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados” (Marcos 9:6). Pedro estava tão emocionado diante daquele momento, que falou sem realmente pensar. Emoções genuí-

nas são válidas, mas jamais devemos permitir que elas governem nossa razão.

Versículo 5. A expressão **falava ele ainda** indica que Pedro foi interrompido. Quando Deus falou, o espetáculo foi impressionante: **uma nuvem luminosa os envolveu**, ao grupo todo. Embora o termo não seja usado na Bíblia, o fenômeno da nuvem, geralmente acompanhado de uma luz radiante e, às vezes, fumaça⁷, é chamado de “Shekiná” pelos eruditos judeus. Este fenômeno da nuvem sempre representou a presença de Deus. Num sentido, a nuvem pode ser vista como as cabanas de galhos e folhas propostas por Pedro⁸. Na era cristã, Deus falaria ao homem por meio de Jesus, Seu Porta-voz especialmente escolhido⁹.

A voz de Deus trovejou de uma **nuvem luminosa** dizendo: **“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi”**. Mais tarde, Pedro escreveria que, nesse monte, Jesus “recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória” (2 Pedro 1:17). A declaração do Pai revelou que Moisés, Elias e Jesus não eram iguais. Cristo, sendo Filho de Deus, é Divindade. Esse anúncio, porém, ia além do que Deus dissera no momento do batismo de Jesus (veja os comentários sobre 3:17). Ele acrescentou: “A Ele ouvi”. Essa admoestação era especialmente apropriada para Pedro, o qual tentou reprovar Jesus antes, quando Este predisse que sofreria (16:21–23). Jesus é o Profeta revestido de autoridade, cujas palavras devem ser escutadas (Deuteronômio 18:15, 19; Atos 3:22, 23; 7:37). Só Ele é porta-voz de Deus hoje (Hebreus 1:1, 2). No fim dos tempos, cada pessoa “comparecerá perante o tribunal de Cristo” para receber dEle o veredito final (2 Coríntios 5:10).

Versículo 6. A majestosa presença de Deus provocou uma reação natural em Pedro, Tiago e João: **caíram de bruços, tomados de grande medo**. Cair diante de alguém, com a face ao chão, simbolizava grande humildade e respeito. Pessoas que se encontraram com Deus ou com um de Seus representantes caíram, com a face em terra (Gênesis 17:3; Levítico 9:24; Josué 5:14; Juízes 13:20; 1 Reis 18:39; Ezequiel 1:28; 3:23; 43:3; 44:4). A prostração

⁷Veja Êxodo 13:21, 22; 16:10; 24:15–18; 40:34–38; Números 9:17; 11:25; Deuteronômio 1:33; 5:22; 1 Reis 8:10–13.

⁸Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 344.

⁹Veja Donald A. Hagner, *Matthew 14–28*, Word Biblical Commentary, vol. 33B. Dallas: Word Books, 1995, p. 493.

dos três discípulos foi acompanhada de grande medo. Talvez realmente esperassem a morte por terem presenciado – ainda que por acidente – a glória de Deus (veja Juízes 6:22, 23; 13:20–22).

Versículo 7. Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Jesus confortou os discípulos primeiramente com um toque (veja 8:3, 15; 9:20, 25, 29; 14:36; 20:34) e depois com palavras de ânimo (veja 9:2, 22; 14:27; 28:10). Apocalipse 1:17 serve de paralelo para os versículos 6 e 7. Quando João teve uma visão de Cristo, ele “caiu a seus pés como morto”. Em resposta, Jesus pôs sobre ele a mão direita e lhe disse para não ter medo.

Versículo 8. Após Jesus confortá-los, os discípulos ergueram o rosto do chão e **a ninguém viram, senão Jesus**. O texto grego destaca certas palavras para reforçar o fato de que Jesus estava sozinho. A nuvem simbolizando a presença divina havia subido. Moisés e Elias haviam desaparecido. Sem dúvida, os discípulos ficaram mui aliviados quando olharam para cima e viram Jesus sozinho.

A PERGUNTA DOS DISCÍPULOS SOBRE ELIAS (17:9–13)

⁹E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: **A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos.** ¹⁰Mas os discípulos o interrogaram: **Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?** ¹¹Então, Jesus respondeu: **De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas.** ¹²Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles. ¹³Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.

Versículo 9. Aparentemente, Jesus e os três apóstolos passaram a noite no monte, pois Lucas 9:37 diz: “no dia seguinte, ao descerem eles do monte...” Durante essa descida, **ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos.** Seguindo Sua prática já estabelecida, o Senhor ordenou-lhes que nada dissessem a respeito desse acontecimento miraculoso nem que Ele era realmente o Cristo (veja 8:4; 9:30; 12:16; 16:20). Divulgar o episódio da transfiguração não beneficiaria a maioria dos

judeus, pois eles esperavam um messias militar que governaria sobre um reino terreno. Sem dúvida, interpretariam mal o acontecido. Todavia, após a ressurreição de Cristo, o testemunho sobre a transfiguração corroborou várias verdades: 1) a divindade de Jesus, 2) Sua disposição para morrer na cruz, 3) o fato de Seu reino ser espiritual e 4) a certeza de Sua prometida volta (2 Pedro 1:16–18).

A palavra grega para “visão” (ὥραμα, *horama*) não diminui a realidade da transfiguração. Embora o termo na maioria das vezes se refira a uma “visão” no Novo Testamento (Atos 9:10; 10:3; 11:5; 12:9; 16:9; 18:9), pode simplesmente denotar “o que se vê”. O termo é usado para a sarça ardente em Atos 7:31, em que é dito que Moisés, “diante daquela visão, ficou maravilhado” (veja êxodo 3:3). A NVI diz o seguinte em Mateus 17:9: “Não contem a ninguém o que vocês viram”.

Mais uma vez, Jesus referiu-Se à Sua morte e ressurreição iminentes (veja 16:21). Todavia, Suas palavras apontam mais claramente para a Sua ressurreição. Ele estava direcionando os olhos de Seus discípulos para a vitória dEle sobre o túmulo, e não para Seu sofrimento e morte.

Versículo 10. Os discípulos, ainda incertos a respeito do significado da aparição de Moisés e Elias, **o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?** A pergunta estava relacionada à profecia de Malaquias 4:5: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor”. Com base nessa passagem, os escribas ensinaram que Elias voltaria à terra literalmente¹⁰. Se “primeiro” significava para os discípulos antes do dia do julgamento, então eles podiam estar questionando se a transfiguração era o cumprimento da profecia. Outra possibilidade é que foram ensinados que Elias viria “primeiro”, antes do Messias¹¹. Neste caso, estavam confusos porque a vinda de Jesus teria precedido a chegada de Moisés no monte.

Versículo 11. Jesus respondeu dizendo: **“De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas”**. O comentário de Jesus mostrou que Ele concordou com os escribas em princípio. Também era uma confirmação do profeta Malaquias, o qual profetizou que Elias viria e “converter[ia] o coração dos

¹⁰Siraque 48:10, 11; Mishná *Eduyoth* 8.7; *Sotah* 9.15; *Baba Mesia* 3.4, 5; Talmude, *Erubin* 43b.

¹¹Veja Justino Mártir, *Diálogo com Trifo* 8; 49.

pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais” (Malaquias 4:6). A restauração de “todas as coisas” não pode se referir à introdução da era cristã, pois essa interpretação retrataria Elias fazendo o que somente o Messias podia fazer. Ao contrário disso, “restaurar todas as coisas” refere-se ao trabalho preparatório para o Messias, o qual resultaria em arrependimento e renovação espiritual¹².

Versículo 12. Jesus então esclareceu a questão: “**Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram**”. O Senhor discordou dos escribas no que dizia respeito à aplicação específica do princípio geral. Eles aguardavam que o profeta do Antigo Testamento reaparecesse (veja João 1:19, 21), ao passo que Deus enviou João Batista “adiante do Senhor no espírito e poder de Elias” (Lucas 1:17). “Elias” (João Batista) já tinha vindo, mas os líderes judeus recusaram seu chamado ao arrependimento (3:7–10; 11:16–18; 21:25). Ainda que João fosse um homem justo, Herodes mandou prendê-lo e, por fim, executá-lo (14:3–12). Jesus disse que Ele haveria de **padecer** o mesmo destino.

Versículo 13. Após a explicação de Jesus, **os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista**. Numa ocasião anterior, ao comentar o caráter de João, o Senhor dissera: “E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir” (11:14). Pedro, Tiago e João provavelmente se recordaram dessas palavras quando desceram o monte.

LIÇÕES

O SERVIÇO QUE PRESTAMOS A DEUS

(Cap. 17)

1. *O serviço que prestamos a Deus às vezes envolve o domínio celestial* (17:1–13). A glorificação de Jesus no monte foi um acontecimento celestial. Embora não vamos experimentar uma cena como essa, meditar na Palavra de Deus deve nos fazer pensar no reino celestial. Nossas mentes devem estar cheias de pensamentos de vida eterna no céu (2 Coríntios 4:16; 5:1–7; 2 Pedro 3:13).

2. *O serviço que prestamos a Deus envolve o domínio terreno, físico* (17:14–23). Os três apóstolos não puderam permanecer no monte. Tiveram que sair do êxtase que experimentaram no monte e

voltar para a vida na terra. Nós temos que cuidar das necessidades diárias deste mundo. Um cartaz acima da porta de um certo prédio de igreja diz: “Entre para adorar. Saia para servir.”

3. *O serviço que prestamos a Deus inclui o domínio legal, político* (17:24–27). O ensino de Jesus sobre impostos foi condizente com Seus outros ensinamentos e exemplo (22:21). Paulo ensinou o mesmo princípio de obediência às autoridades governamentais (Romanos 13:1–7). Os cristãos têm o dever de serem bons cidadãos, independentemente do sistema político sob o qual vivam. Paulo valorizou a sua cidadania romana e apelou pelos direitos que eram legalmente dele (Atos 25:11).

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

(17:1–8)

A transfiguração de Jesus ensina pelo menos cinco fatos sobre uma variedade de tópicos.

1. *A velha aliança logo seria dissolvida e substituída por uma nova lei*. A Lei estava ficando “antiquada e envelhecida” e “prestes a desaparecer” (Hebreus 8:13). Logo ela seria substituída por uma nova aliança, a qual incluiria todas as pessoas de todos os lugares (Hebreus 8:7–12).

2. *Não deixamos de existir quando morremos*. Isto é revelado pela presença de Moisés e Elias no monte. A morte é uma transição de um estado físico para um estado espiritual (Eclesiastes 12:5). A morte física é a separação entre a alma e o corpo (Eclesiastes 12:7; Tiago 2:26). A morte espiritual é a separação entre a alma e Deus (2 Tessalonicenses 1:9).

3. *Não perdemos nossa identidade após a morte*. Como Pedro, Tiago e João conseguiram identificar Moisés e Elias não sabemos; mas esse encontro nos mostra que Moisés ainda era Moisés e Elias ainda era Elias. O mendigo Lázaro ainda era Lázaro no seio de Abraão, e o rico ainda era a mesma pessoa quando foi para o lugar de tormento (Lucas 16:19–31). Paulo esperava ver no céu aqueles que ele conhecera na terra (2 Coríntios 4:14; 1 Tessalonicenses 2:19, 20). Ele usou o conceito de reconhecimento futuro para animar os tessalonicenses (1 Tessalonicenses 4:13–18).

4. *Cristo é o objeto da nossa adoração*. Por maior que fossem Moisés e Elias, eles não se igualavam a Cristo. Eram humanos, ao passo que Jesus é divino. Eles não devem ser adorados, mas Jesus sim.

5. *Cristo é o porta-voz de Deus hoje*. Moisés foi

¹²Hagner, p. 499.

porta-voz de Deus a Israel antes de entrarem na Terra Prometida (Êxodo 3 e 4) e Elias, considerado o maior dos profetas orais, foi porta-voz de Deus a Judá e Israel. A declaração de Deus no monte da Transfiguração prova que só Jesus é porta-voz de Deus para a era em que vivemos (17:5; Hebreus 1:1, 2). Nenhum profeta posterior tem autoridade para falar em nome de Deus, e nenhuma outra revelação posterior foi ou será dada ao homem (Judas 3).

A MORTE COMO UMA PARTIDA (17:3)

Quando Jesus foi transfigurado, Jesus falou com Moisés e Elias. Lucas 9:31 diz que o assunto da conversa era a Sua “partida” (ἔξοδος, *exodos*). A morte é uma transição de um estado físico para um espiritual (Eclesiastes 12:5, 7; Filipenses 1:19–21). Para os cristãos, a morte não é uma jornada de esquecimento, mas uma libertação da escravidão de um corpo terreno decadente para os prazeres de um lar celestial (João 14:1–6; 2 Coríntios 5:1–4). Jesus fez por nós o que Moisés e Elias fizeram por Ele – e mais. Vencendo a morte, Ele nos deu certeza de que uma pessoa pode morrer e viver novamente, que o

túmulo não pode nos deter (1 Coríntios 15:50–58). Porque Ele venceu nosso último inimigo, podemos participar dessa vitória (1 Coríntios 15:25, 26).

O ELIAS QUE DEVERIA VIR (17:9–13)

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que os escribas disseram “ser necessário que Elias [visse] primeiro” (17:10), a dúvida deles se baseava mais numa simples tradição rabínica. Estavam perguntando a respeito da profecia de Malaquias (Malaquias 4:5, 6).

Jesus disse que Elias já tinha vindo, e eles não o reconheceram (17:12). “Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista” (17:13). Anteriormente, Jesus lhes disse que João era o Elias que haveria de vir (11:14). Um anjo disse a Zacarias, pai de João, que seu filho viria “no espírito e poder de Elias” (Lucas 1:17). Por que, então, João disse que ele não era Elias (João 1:21)? João, sem dúvida, queria dizer a mesma coisa que Jesus disse ao afirmar que João não era Elias. João pregou no mesmo espírito em que Elias profetizou, mas ele não era literalmente o Elias reencarnado.

Autor: Sellers Crain
© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS